FIESP

DECOMTEC

Departamento de Competitividade e Tecnologia

ÍNDICE FIESP DE COMPETITIVIDADE DAS NAÇÕES E OS FATORES-CHAVE PARA O BRASIL AVANÇAR EM COMPETITIVIDADE

IC-FIESP 2014

José Ricardo Roriz Coelho

PARTE II

Novembro de 2014

IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO E FATORES-CHAVE PARA O BRASIL AVANÇAR EM COMPETITIVIDADE

Baseado na performance do Brasil, identificamos seis prioridades na agenda de políticas públicas para que o país entre numa trajetória de evolução nos indicadores de competitividade

FIESP DECOMTEC

AGENDA

URGENTE

Necessitam de ação rápida, sob o risco de agravar as contas externas, o investimento, o emprego e a oferta.

TRIBUTAÇÃO

- Carga Tributária
- Simplificação Tributária*

FINANCIAMENTO

- Taxa de Juros de Depósito
- Spread Bancário
- Taxa de Juros de Curto Prazo

TAXA DE CÂMBIO

- Desalinhamento cambial

IMPORTANTE

Efeitos de longo-prazo, determinam trajetória permanente de crescimento e aumento de renda.

INFRAESTRUTURA

- Logística
- Custo de Energia

TECNOLOGIA

- Gastos em P&D

EDUCAÇÃO

- Média de Escolaridade
- Taxa de Alfabetização
- Eficiência nos gastos públicos em Educação

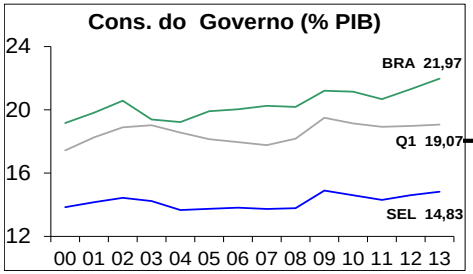
* Não há variável de complexidade tributária no IC, porém, a burocracia tributária tem se mostrado um obstáculo importante no ambiente de negócios brasileiro. Estudo do DECOMTEC de 2012 revelou que 1,16% do faturamento da indústria de transformação foi gasto para pagar tributos (sem contar os tributos). Na pesquisa doing business 2014, o Brasil ficou em 116 de 189 economias. Um dos indicadores mais gritantes é o tempo para pagar tributos, 2600 horas por ano, contra 369 da América Latina e 175 da OCDE. No indicador pagamento de impostos, a posição do Brasil é 159.

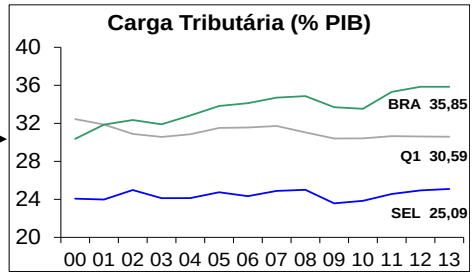
TRIBUTAÇÃO

O elevado e crescente consumo do governo brasileiro demanda uma carga tributária elevada e também crescente para se sustentar.

FIESP DECOMTEC

AMBIENTE DE NEGÓCIOS

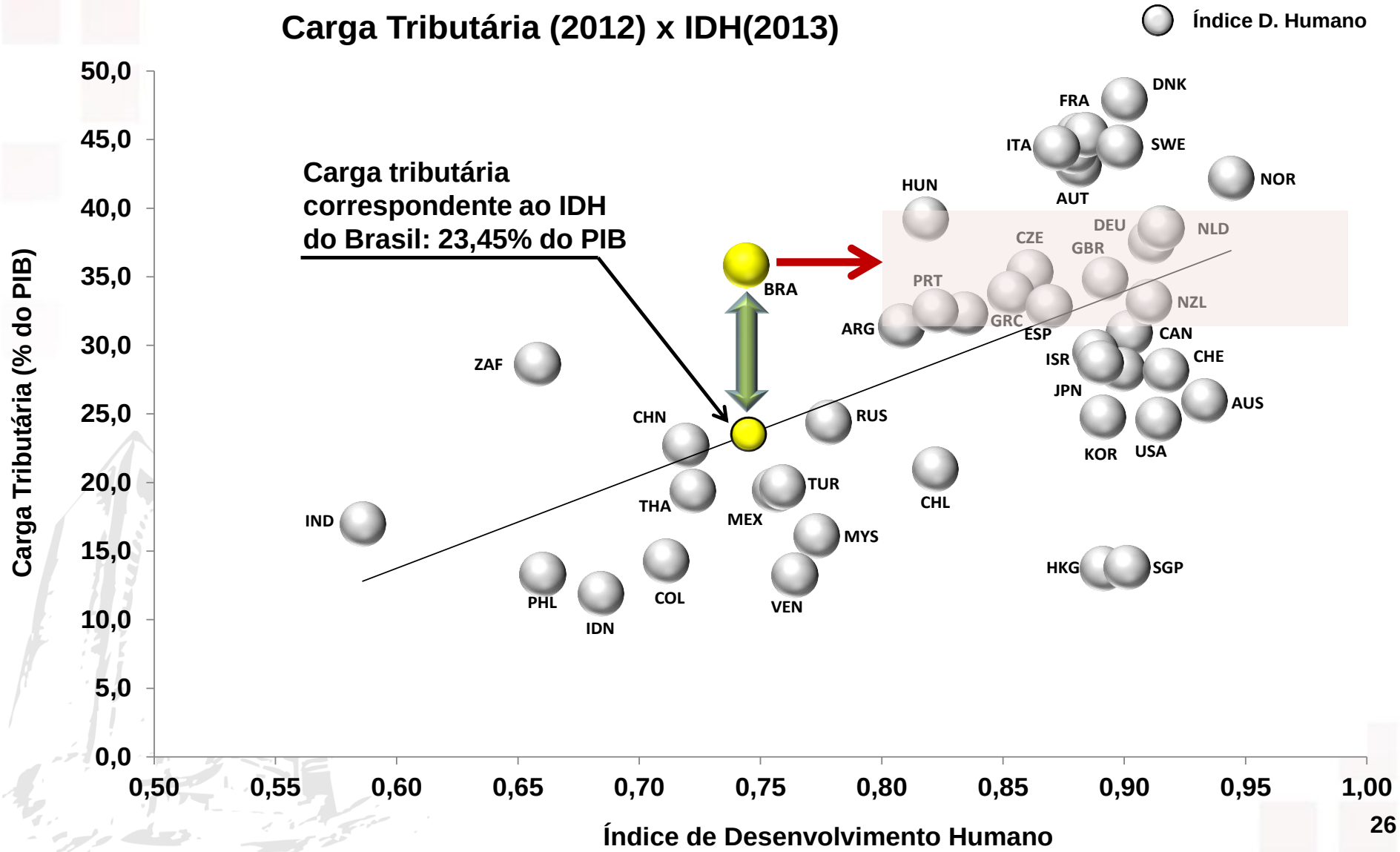




Fontes: Banco Mundial, FMI, SCN e BCB; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

Em relação aos retornos sociais, ao nosso nível de IDH corresponderia uma carga tributária de 22,45% do PIB. Por outro lado, nossa carga atual, corresponderia a um IDH semelhante ao da Hungria, da Holanda, do Reino Unido e da Nova Zelândia.

FIESP DECOMTEC

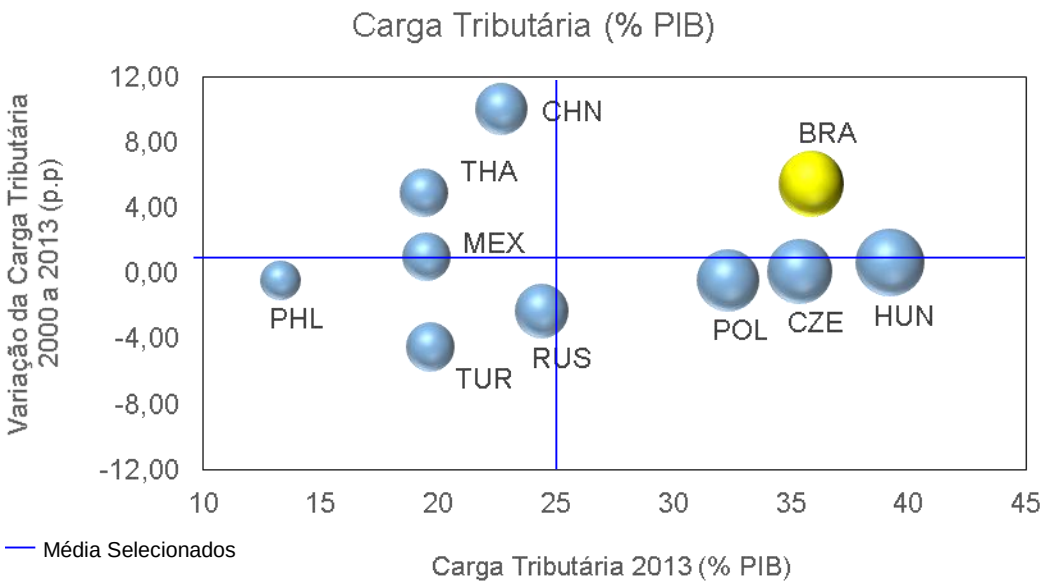


Fontes: IMD, PNUD e IBGE. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

O Brasil se encontra no pior cenário entre os Selecionados, com carga tributária elevada e crescente.

FIESP
DECOMTEC

- Entre os Selecionados, o Brasil apresentou a segunda maior variação da carga tributária, atrás da China (que chegou a 22,7% do PIB), e a segunda maior carga tributária em 2013, atrás da Hungria (que variou menos de 1% no período). Dessa maneira, o Brasil está no pior cenário possível, com **carga tributária alta e crescente**.



Países	Carga Tributária 2013	Carga Tributária 2000	Variação (p.p.)
China	22,70	12,68	10,02
Brasil	**35,85**	**30,36**	**5,49**
Tailândia	19,40	14,45	4,95
México	19,48	18,46	1,02
Hungria	39,20	38,52	0,68
Rep. Checa	35,36	35,21	0,15
Filipinas	13,30	13,71	-0,42
Polônia	32,31	32,75	-0,44
Rússia	24,40	26,70	-2,30
Turquia	19,67	24,16	-4,48

Além da carga tributária, há também o problema da complexidade do sistema tributário

FIESP
DECOMTEC

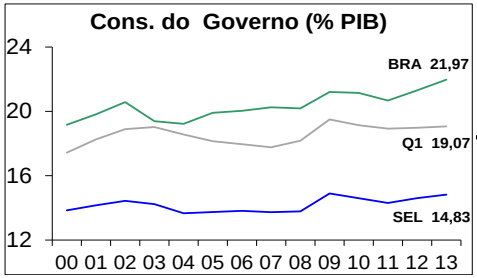
- O custo resultante da complexidade do sistema tributário e do contencioso decorrente de divergências de interpretação sobre temas tributários é extremamente elevado para as empresas
- Estimativa de Bernard Appy, em palestra na FIESP, calcula em 0,43% do PIB (2012) o custo da administração tributária para o país. O DECOMTEC estimou, também para 2012, o custo para pagar tributos na indústria de transformação, de 1,16% do faturamento do setor ou 2,6% no preço dos produtos industriais.
- Na pesquisa *doing business* 2014, o Brasil ficou em 116º de 189 economias. Um dos indicadores mais gritantes é o tempo para pagar tributos, 2600 horas por ano, contra 369 da América Latina e 175 da OCDE. No indicador pagamento de impostos, a posição do Brasil é 159º.

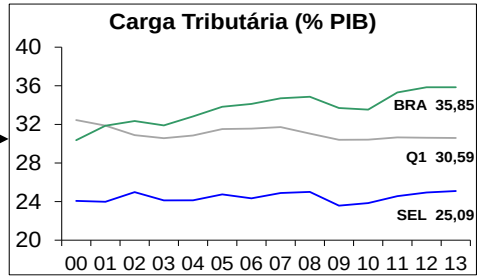
FINANCIAMENTO

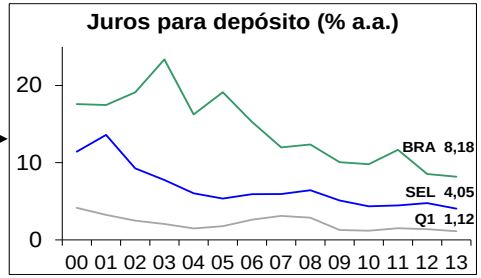
Além da alta carga tributária, os juros são elevados para financiar o consumo do governo brasileiro e o controle da inflação. Apesar da trajetória de redução dos juros, os juros ainda encontram-se em patamar elevado.

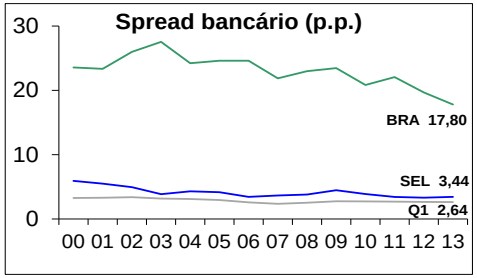
FIESP DECOMTEC

AMBIENTE DE NEGÓCIOS





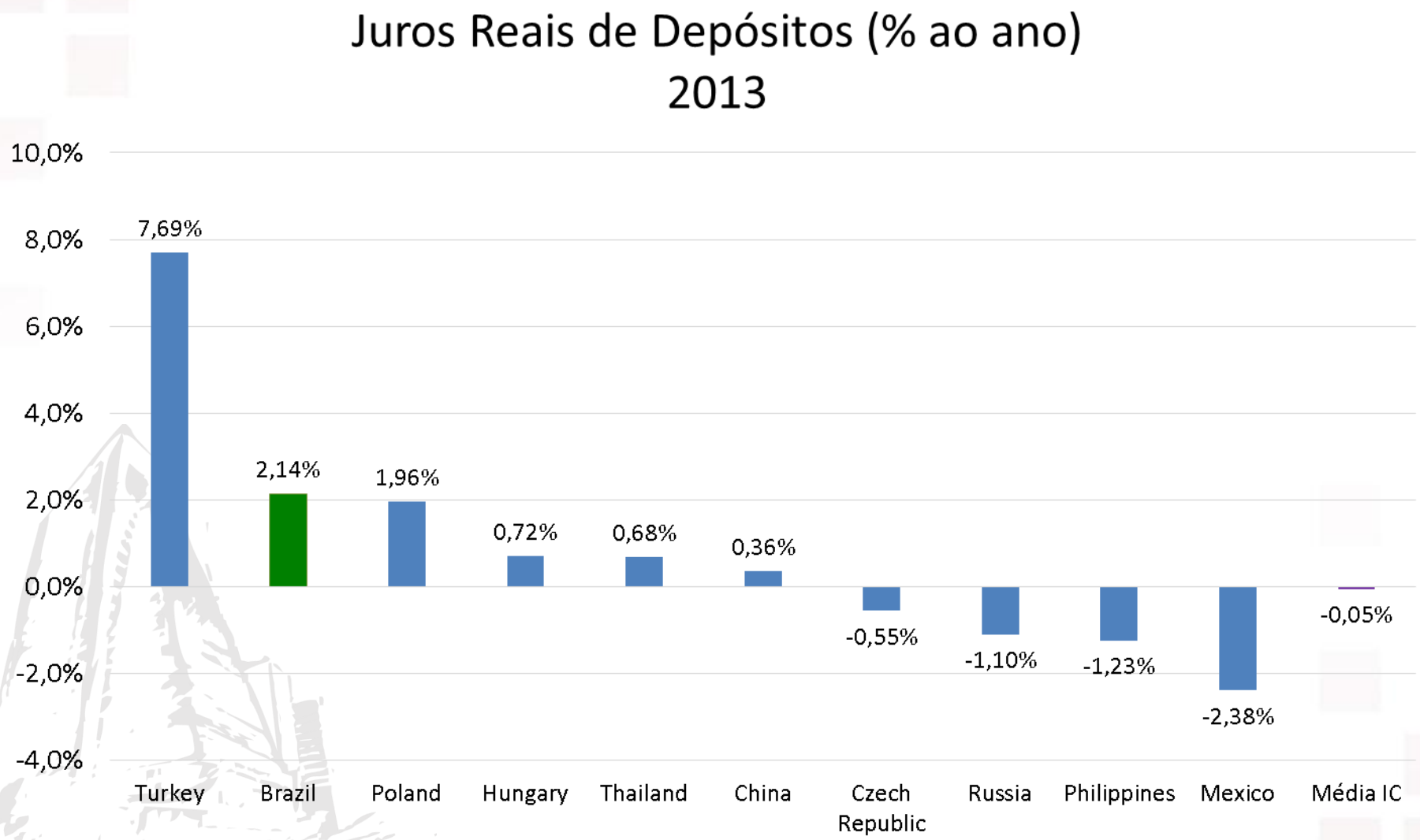




Fontes: Banco Mundial, FMI, SCN e BCB. Elaboração DECOMTEC/FIESP

Em 2013, o Brasil foi o segundo entre os Selecionados no ranking de juros reais aos depositantes.

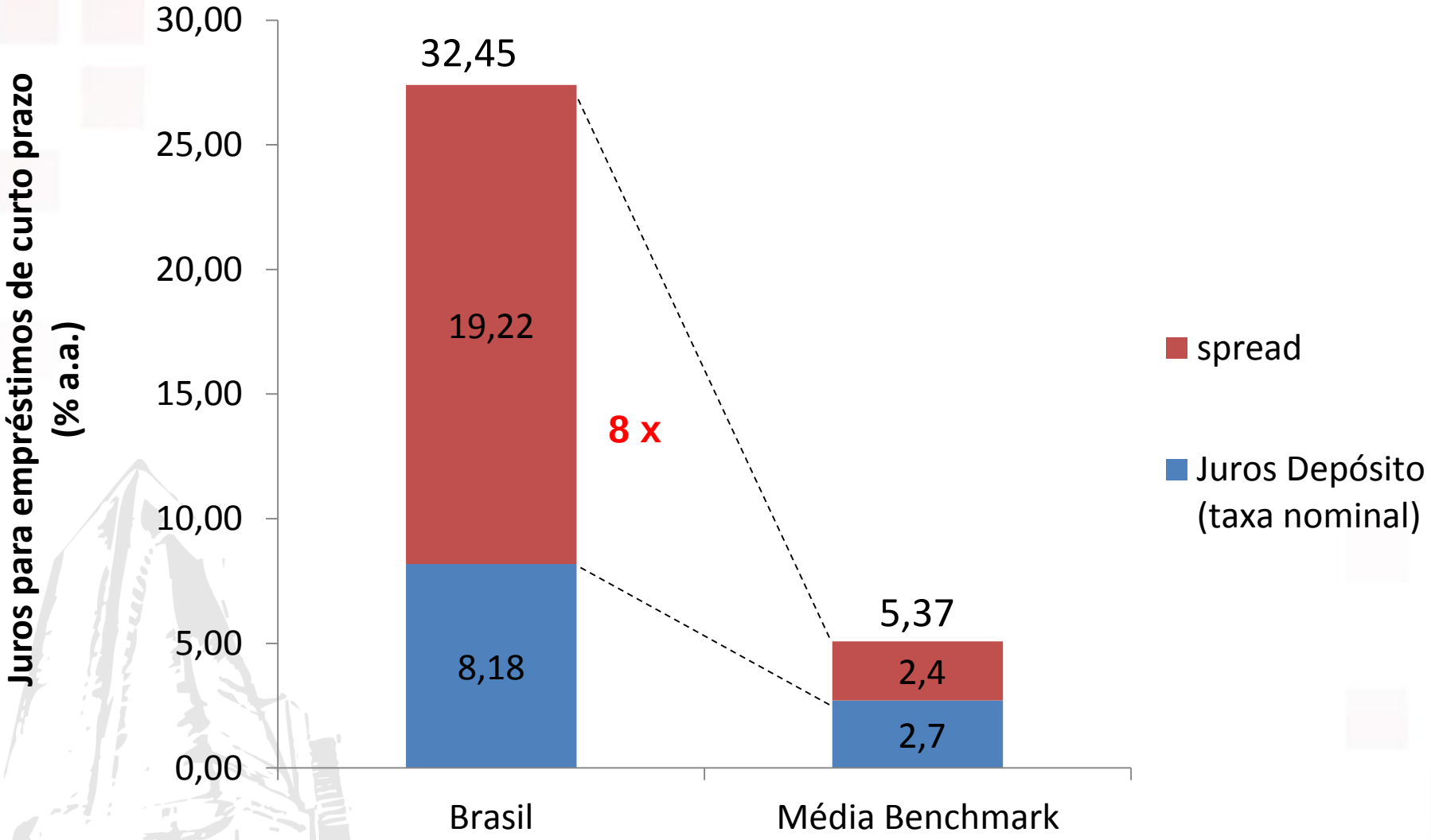
FIESP DECOMTEC



Fontes: FMI, BCB e IBGE.

No ano de 2013, o spread brasileiro era 8 vezes maior do que a média dos países comparáveis* (Chile, Itália, Japão, Malásia e Noruega)

FIESP DECOMTEC



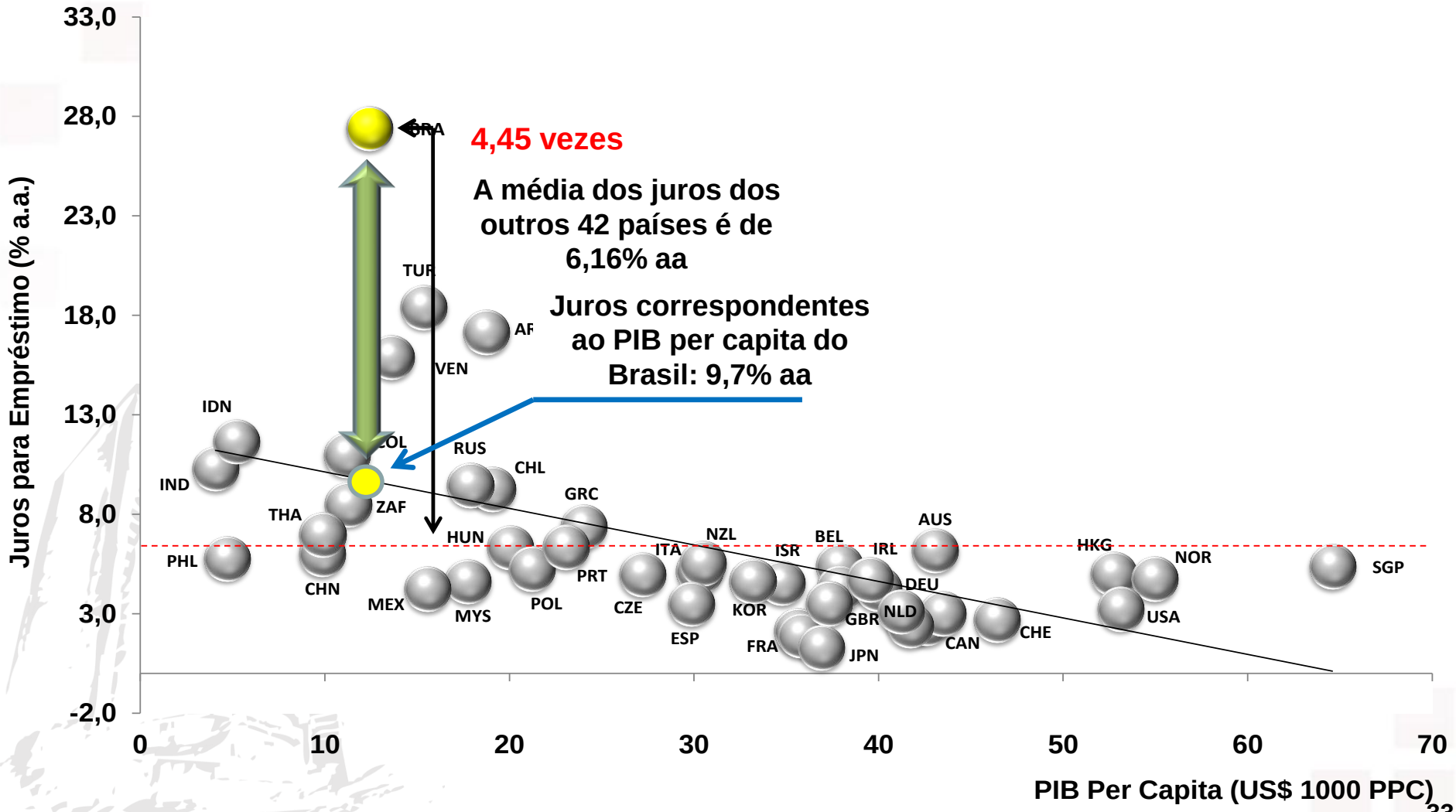
Países comparáveis* ao spread brasileiro: Chile, Itália, Japão, Malásia, Noruega

* Países com metodologia de cálculo de spread semelhante à brasileira.
Fontes: Banco Central do Brasil, FMI, EuroStat e Banco Central da Noruega

O custo do capital de giro das empresas é elevado devido aos juros e ao spread. Os juros (para empréstimo) correspondentes ao nível de renda per capita do Brasil seriam de 9,7% a.a.

FIESP DECOMTEC

Juros para empréstimo x PIB per capita - 2013



Fonte: Bacen, IBGE (SCN 2000) e FMI. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

TAXA DE CÂMBIO

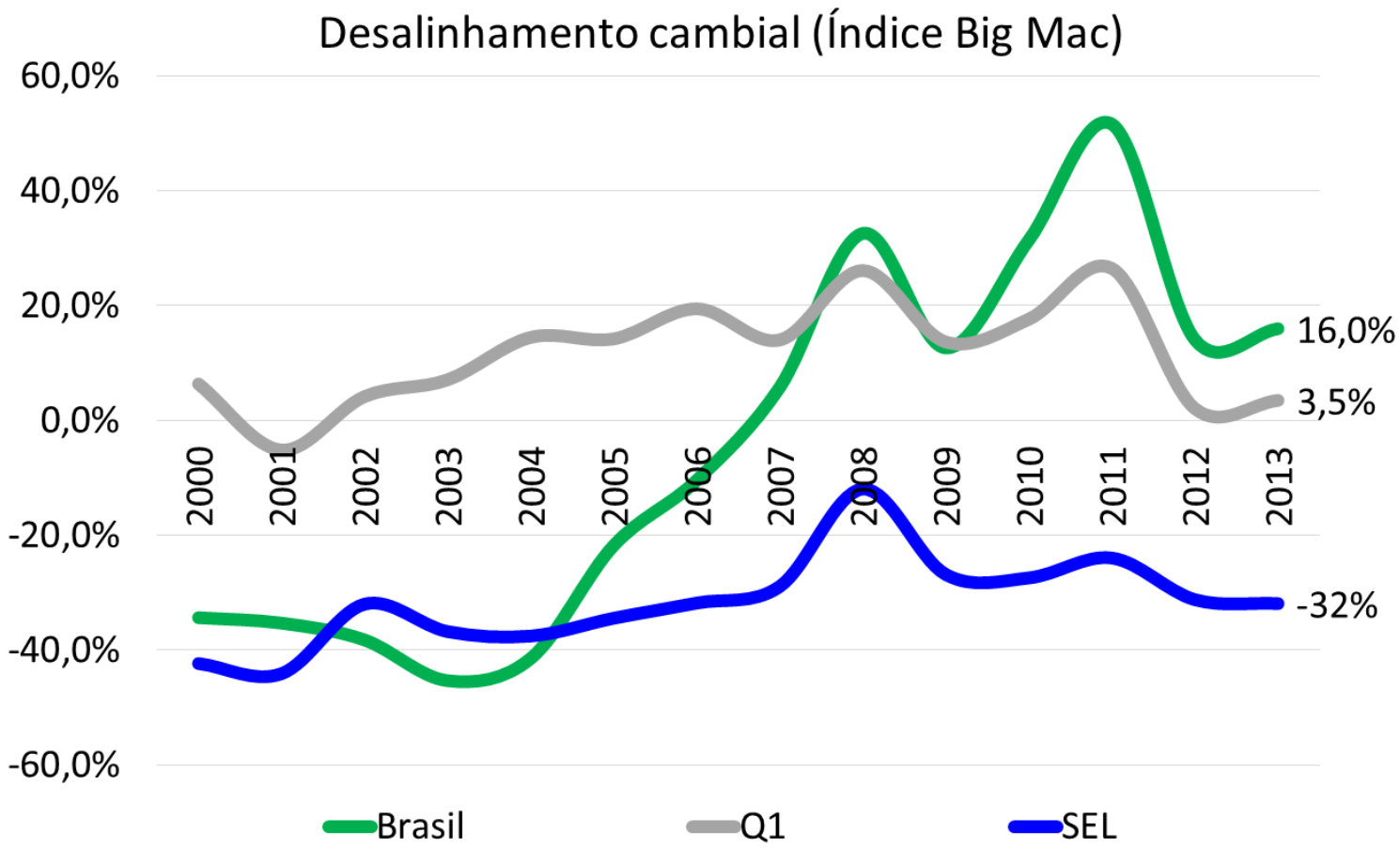
A taxa de câmbio é um fator fundamental na competitividade das economias

FIESP
DECOMTEC

- O **desalinhamento da taxa de câmbio** (taxa sobrevalorizada ou desvalorizada) **distorce a relação entre preços internos e externos.**
- O Brasil tem taxa de câmbio significativamente sobrevalorizada, barateando artificialmente os produtos estrangeiros, retirando mercado dos produtos nacionais no mercado interno e externo.
- Conforme a próxima figura, desde meados da década de 2000, o real sofreu significativa valorização ante o dólar (a desvalorização de 2011 reduziu apenas em parte a intensidade desse desalinhamento).
- Com isso, em 2013 o real era 3,57 vezes mais sobrevalorizado do que a média das moedas dos países do Q1. Já os selecionados continuam com moeda desvalorizada.
- O Brasil também se distingue dos Selecionados e dos países do Q1 em função da alta instabilidade da sua taxa de câmbio, que impõe incerteza na atividade econômica, e, sobretudo, no investimento produtivo.

E um importante fator de perda de competitividade da economia brasileira

FIESP DECOMTEC



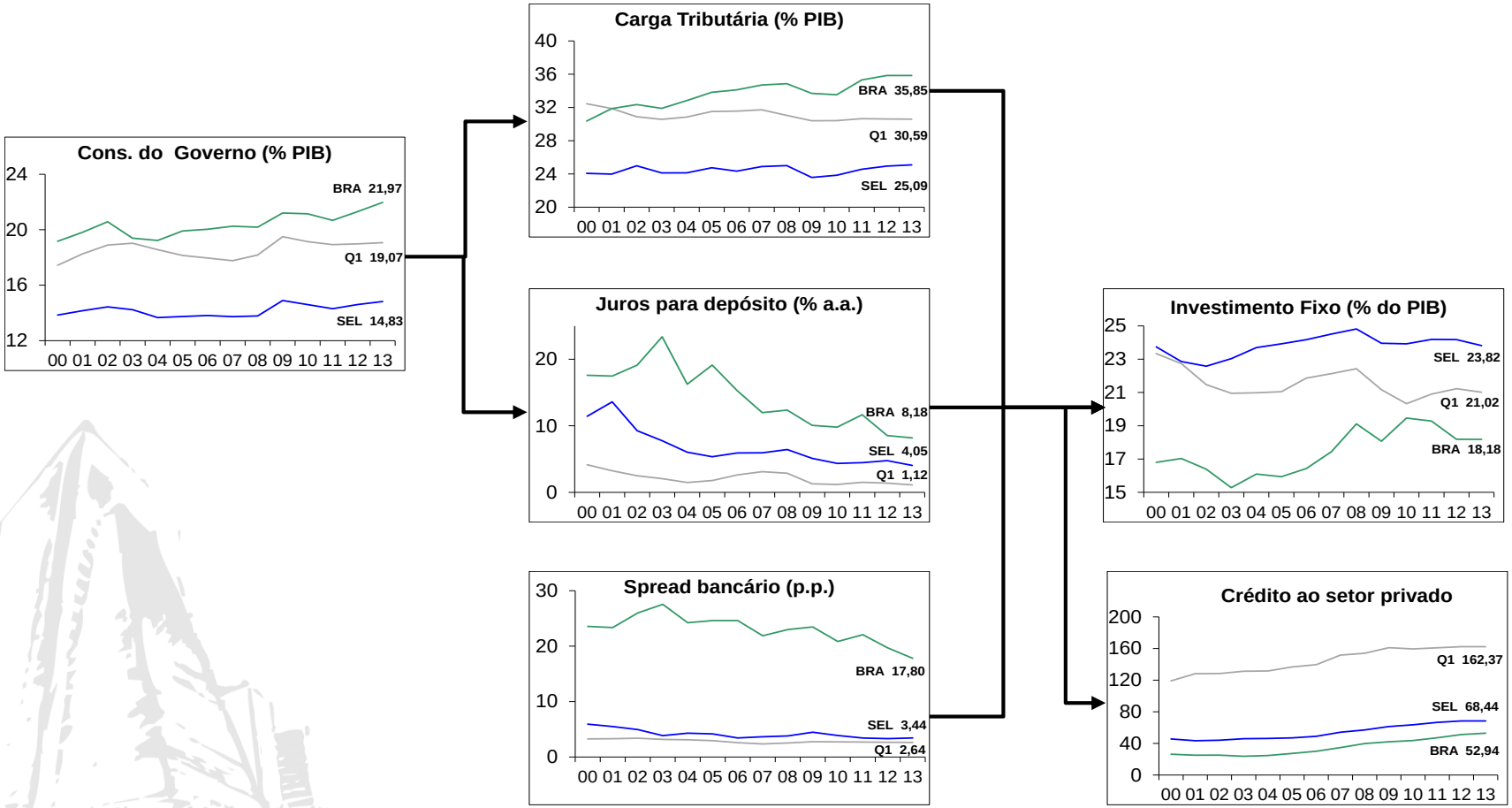
- O dólar norte americano é a referência no cálculo do Índice Big Mac, elaborado pela revista The Economist.
- Segundo o índice Big Mac de julho/2013, **o real encontrava-se valorizado em 16% em relação ao dólar.**

Fonte: The Economist; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

O investimento e o crédito estão melhores do que há dez anos. Porém, a taxa de investimento de 18,2% do PIB ainda está bastante aquém da observada em Q1 e nos Selecionados.

FIESP DECOMTEC

AMBIENTE DE NEGÓCIOS

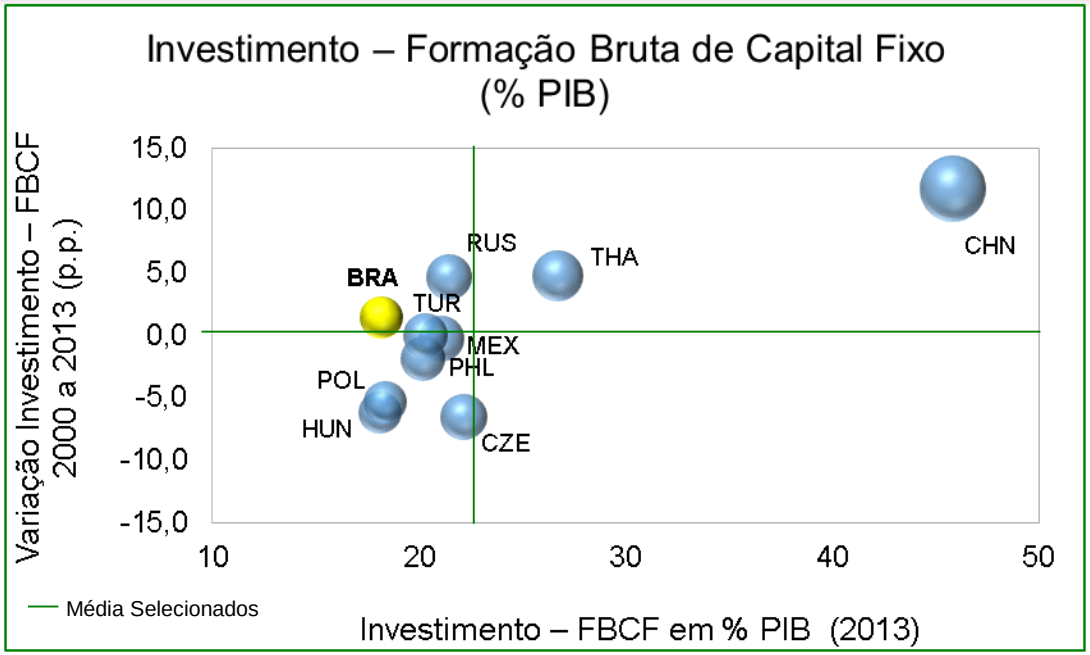


Fontes: Banco Mundial, FMI, SCN e BCB; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

O Brasil apresentou um pequeno aumento na formação bruta de capital fixo sobre o PIB entre 2000 e 2013, mas a taxa de investimento ainda é insuficiente quando comparada com a média dos Selecionados.

FIESP DECOMTEC

- O Brasil aumentou a taxa de investimento sobre o PIB, dos anêmicos 16,8% em 2000 para 18,18% em 2013.
- Ainda é bastante aquém quando comparada com a média dos Selecionados, de 23,82% do PIB.
- Só a Hungria investiu menos do que o Brasil em 2013, porém, a Hungria vinha de um investimento de mais de 24% do PIB em 2000, ao contrário do Brasil, que investiu 16,8%.



Países	Investimento 2013	Investimento 2000	Variação (p.p)
China	45,86	34,11	11,75
Tailândia	26,74	21,97	4,77
Rússia	21,48	16,86	4,62
Brasil	**18,18**	**16,80**	**1,38**
Turquia	20,33	20,39	-0,06
México	21,09	21,38	-0,30
Filipinas	20,19	22,10	-1,91
Polônia	18,36	23,74	-5,38
Hungria	18,14	24,36	-6,23
Rep. Checa	22,17	28,74	-6,57

CONTINUA PARTE III